

Música x

ORQUESTRA ACADÉMICA METRO- POLITANA



BEETHOVEN E A APOTEOSE DA DANÇA

11 NOV 2018

DOM 17:00

Grande Auditório

Duração 90 min

M/6

PARCERIA



A SUÍTE PASTORAL DE CHABRIER

O compositor e pianista francês Emmanuel Chabrier só se dedicou inteiramente à profissão de compositor por volta dos quarenta anos de idade. Ainda assim, foi a tempo de se tornar numa das figuras mais notáveis da cena artística parisiense da década de 1880. Por essa altura, quando também os pintores impressionistas rompiam convenções em exposições particulares, a sua música distinguiu-se da maior parte daquela que se praticava na capital francesa, dominada pelas canções e peças para piano tocadas nos salões, para lá da incontornável ópera cómica.

Chabrier compôs quatro óperas e poucas mais obras orquestrais. Entre estas últimas, destaca-se a rapsódia orquestral *España*, de 1883, por ser a mais conhecida. Mas também a *Suíte Pastoral*, a qual resulta da orquestração de quatro peças escolhidas entre as *Dez peças pitorescas* para piano que tinha composto em 1880 durante um período de férias passado numa praia da Normandia. Eram dez pequenos poemas musicais inspirados nas paisagens e ambientes rústicos que teve então a oportunidade de conhecer. Logo despertaram a atenção junto de músicos como César Frank as sonoridades neobarrocas, vagamente evocativas de Couperin e Rameau. Nos anos que se seguiram, o próprio compositor orquestrou quatro dessas peças, as quais veio a estreitar na qualidade de maestro em novembro de 1888, em Angers.

IMAGENS HÚNGARAS DE BARTÓK

Sempre inspirado na identidade cultural húngara, Béla Bartók orquestrou em 1931 cinco peças que escrevera anteriormente para piano, todas elas baseadas em melodias tradicionais daquele país. A primeira tem o título *Uma noite na aldeia*. A sua melodia, de carácter nostálgico e protagonizada pelo clarinete, deriva das *Dez peças fáceis* para piano datadas de 1908. A *Dança do urso* tem a mesma origem e distingue-se por uma energia que resulta da imprevisibilidade rítmica e da substância modal características do folclore da região. Já *Melodia* é emprestada dos *Quatro hinos fúnebres*, datados de 1909. É uma melodia sentida, na qual as cordas e as madeiras assumem um protagonismo pontuado pelo som etéreo da harpa. Segue-se *Ligeiramente embriagado*, um retrato quase cinematográfico do passeio ébrio recuperado das *Três burlescas*, de 1911. A terminar ouve-se a *Dança do guardador de porcos*, os ritmos de dança rápidos e festivos que se acham na série de peças para piano para crianças datadas de 1908-1909. No conjunto, são cinco retratos musicais que colocam à prova a versatilidade expressiva de qualquer orquestra.

A SÉTIMA SINFONIA DE BEETHOVEN

A Sétima Sinfonia de Beethoven foi estreada em 1813, num concerto de beneficência a favor dos militares austríacos que defrontaram as tropas de Napoleão Bonaparte na Batalha de Hanau. Ao encontro do espírito da cerimónia, três dos seus quatro andamentos têm um carácter esfuziante. Paradoxalmente, são os compassos dolentes do andamento lento que lhe são hoje mais conhecidos.

Trata-se de uma obra cheia de energia em que alternam as mais reconhecíveis tipologias das danças populares com arquétipos militares evidentes. Há, todavia, um momento de grande contraste: o clima de afetação expressiva do segundo andamento, o mais famoso segundo andamento de todas as sinfonias do compositor. Nele repete-se insistentemente uma célula rítmica sobre a qual flutuam ideias melódicas muito persuasivas, estabelecendo-se um clima misterioso, ora idílico ora evocativo de uma experiência redentora.

Nos restantes andamentos tem destaque a componente rítmica, dispensando-se por vezes a melodia e repetindo insistentemente uma mesma nota. De início ouve-se uma introdução grandiosa que se parece a uma celebração póstuma. Já no terceiro andamento, os ritmos de uma dança ternária impõem-se, num clima mundano, jocoso, até. É um verdadeiro *Scherzo* em que, pelo meio, se dispõem dois Trios (as duas secções que se distinguem por terem uma pulsação mais lenta). Por último, um rojo de inventividade, exaltante, do primeiro ao último minuto.



Jean-Marc Burfin

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Diplomado pela Academia de Verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

Dirigiu várias orquestras, tanto em França como no estrangeiro. Foi diretor artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa mantém uma programação intensa e regular desde 1992, que se distingue pela qualidade e versatilidade, o que permite abordar repertórios diversos, criar novos públicos e afirmar o caráter inovador do projeto AMEC | Metropolitana, do qual esta orquestra é a face mais visível.

Apresenta anualmente uma temporada com apresentações regulares em várias cidades de todo o país e em eventos públicos relevantes. Nos programas sinfónicos, alunos da Academia Nacional Superior de Orquestra juntam-se à sua constituição base, a qual já integra vários músicos formados nesta escola, sublinhando a importância entre a prática e o ensino da música. Este desígnio, que distingue a identidade da OML, é exemplo único no contexto musical português e raro no panorama internacional.

Gravou mais de uma dezena de CD – um dos quais disco de platina – para diferentes editoras, como EMI Classics, Naxos ou RCA Classics. Colaborou com inúmeros maestros e solistas de reputação nacional e internacional: maestros Pablo Heras-Casado, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Michael Zilm, Emilio Pomàrico, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Hans-Christoph Rademann, Victor Yampolsky, Joana Carneiro, Pedro Amaral e Pedro Neves; ou os solistas Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Cura, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Natalia Gutman, Gerardo Ribeiro, Anabela Chaves, António Menezes, Enrico Onofri, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlís Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre outros.

A direção artística da OML é, desde 2013, assegurada por Pedro Amaral que, a partir de 2018, acumula as funções de Maestro Titular.



PROGRAMA

Emmanuel Chabrier (1841-1894)

Suíte Pastoral (1888)

22 min.

I. *Idylle*

II. *Danse Villageoise*

III. *Sous Bois*

IV. *Scherzo-Valse*

Béla Bartók (1881-1945)

Imagens Húngaras, Sz. 97, BB 103 (1931)

15 min.

I. *Uma noite na aldeia*

II. *Dança do urso*

III. *Melodia*

IV. *Ligeiramente embriagado*

V. *Dança do guardador de porcos*

Intervalo

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sinfonia N.º 7 em Lá Maior, Op. 92 (1811-12)

35 min.

I. *Poco sostenuto – Vivace*

II. *Allegretto*

III. *Presto*

IV. *Allegro con brio*

Brevemente

ORQUESTRA CLÁSSICA DO SUL

CONCERTO DE NATAL

Música x

14 DEZ
SEX 21:00
Grande Auditório
M/6



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

SARAMAGO, NOBEL 1998: MEMORIAL

Música x

15 DEZ
SÁB 19:00
Grande Auditório
M/12

Culturgest